

## O corpo feminino atravessado pela violência no conto “Maria”, de Conceição

Evaristo.<sup>1</sup>

Aline de Freitas Germano

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Contato: [alinedefreitasgermano@gmail.com](mailto:alinedefreitasgermano@gmail.com)

### Resumo:

Na sociedade brasileira contemporânea, observa-se o aumento vertiginoso das formas de violência cotidianamente, sendo o sexismo (machismo) uma delas. É imprescindível salientar que a intensidade desses atos de violência aumenta quando direcionados às mulheres pobres da periferia. A fim de investigar a urgência da discussão sobre violência contra a mulher, que se faz presente também no contexto urbano, foi selecionado como objeto deste trabalho, o conto “Maria”, da escritora mineira Conceição Evaristo, presente em sua obra, publicada em 2015, Olhos D’água. Evaristo, um dos maiores nomes no que se refere à Literatura Afro-brasileira e também feminista, aborda temáticas ligadas à condição feminina a partir do conceito por ela formulado e definido como escrevivência: em outras palavras, trata-se das escritas que atravessam os corpos femininos negros no Brasil pós-colonial. Escrita representativa da realidade que transpassa esses corpos, Olhos D’água realiza o que será, provavelmente, o princípio fundamental da literatura de Conceição Evaristo, e sua ação: a ficcionalização da realidade periférica, seus anseios, suas expectativas e também desejo de transformação. Partindo de uma análise desse conto, que se apresenta como essencial para a compreensão das questões referentes a ser mulher, este trabalho visa, portanto, investigar esse corpo feminino (seus fundamentos, seus processos e seus significados) e seus impactos sociais como objeto artístico, político e de resistência.

**Palavras-chave:** Conceição Evaristo, mulher negra, violência.

O presente trabalho possui como objetivo principal tecer uma análise acerca do conto

---

1 Trabalho apresentado na I Jornada do Grupo de Pesquisa Sexualidade, Gênero, Feminismo(s), realizada no dia 11 de setembro de 2019, na Faculdade de Letras da UFRJ, no Rio de Janeiro.

“Maria”, presente na obra *Olhos D’água*, da escritora mineira Conceição Evaristo, escrito em 2015. *Olhos D’água* apresenta a seguinte frase em um dos contos: “Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro”; tais palavras estão presentes no conto “A gente combinamos de não morrer”, e parecem-nos apropriadas para iniciar este trabalho já que constituem a epígrafe da literatura evaristiana: sua marca, seu caráter. Essa é a frase-chave que une o vórtice de questões sociais, raciais e de gênero recorrentes na literatura de Evaristo, a guiar sua formação ficcional.

Evaristo é considerada uma das mais importantes vozes da Literatura Afro-brasileira no Brasil, principalmente no que se refere à questão da mulher negra. Em sua obra, propõe, a partir do conceito fundamental de sua literatura, a escrevivência, isto é: “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (OLIVEIRA, 2009, p. 622), uma escrita marcada pelo corpo e pelas perspectivas da mulher negra. O ato de criação de sua escrita é acompanhado das vivências, podendo ser traduzido pelas palavras da própria escritora em depoimento: Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, p. 18).

Nesse sentido, o livro de Evaristo focaliza as tensões e questões sociais da comunidade negra, sobretudo a feminina. Mediante uma tessitura poética incorporada à ficção, Evaristo nos apresenta uma série de mulheres ou seriam todas a mesma mulher recriada muitas vezes no caleidoscópio de sua literatura? A escrita evaristiana é diversificada, aborda a realidade violenta que atravessa corpos femininos e seus reflexos nesses corpos. Tais perspectivas resultam nesta pesquisa que procura investigar esse aspecto da obra de Conceição Evaristo.

Na realidade, essa mulher multifacetada é simbólica e igualmente representativa: ela é milhões de brasileiras presentes em nossa sociedade excludente. Frágeis “fios de ferro” que são entrelaçados pelos jogos metafóricos de Evaristo enlaçam e reconstroem as vidas de suas personagens destituídas. No livro, dividido em 15 contos, as temáticas podem variar, entretanto, abrangem sempre a problemática das condições de vida da população negra e da mulher, principalmente. Os contos, assim, harmonizam-se entre a afirmação e a negação, entre nascimento e morte, entre denúncia e celebração da vida. Este estudo se deterá no quarto conto do livro: “Maria”. Atentando para aspectos imprescindíveis da literatura evaristiana, como a violência, o corpo da mulher, bem como a recuperação desse corpo pelas próprias mulheres, este trabalho se ampara em algumas reflexões, dentre elas, as de: Homi Bhabha, Gayatri Spivak e Joel Rufino dos Santos.

Sabe-se que a violência brasileira tem aumentado vertiginosamente ao longo dos anos e vitimado milhares de pessoas. Cotidianamente, a mídia tem noticiado o crescimento da violência nos grandes centros urbanos do Brasil, que se revela de diferentes formas e acarreta na morte de inumeráveis pessoas. É possível dizer que boa parte dos atos de violência praticados possuem origem no racismo existente na sociedade brasileira, resquício da herança escravocrata deixada pelos colonizadores portugueses e brancos, que, durante séculos, escravizaram os africanos trazidos para o Brasil.

Segundo a própria Conceição Evaristo, a história da população afro-brasileira é marcada não somente pelo racismo, mas também pelo sexismo. No que se refere ao sexismo, que é um dos eixos principais deste trabalho, é necessário mencionar o que dizem Ritt, Cagliari e Costa:

A violência cometida contra a mulher é um fenômeno histórico que dura milênios, pois a mulher era tida como um ser sem expressão, uma pessoa que não possuía vontade própria dentro do ambiente familiar. Ela não podia sequer expor o seu pensamento e era obrigada a acatar ordens que, primeiramente, vinham de seu pai e, após o casamento, de

seu marido. (RITT, CAGLIARI, COSTA, 2014, p.15).

O sexismo e a misoginia definem as relações de poder na sociedade contemporânea, reproduzindo, desse modo, o sistema patriarcal, transformando o meio urbano em uma extensão do ambiente privado no qual se convencionou que o homem possuísse completa liberdade e que a mulher fosse frequentemente agredida e inferiorizada. Devido a uma educação machista, as mulheres, historicamente, foram oprimidas pelos homens em todas as esferas sociais. Em decorrência disso, foram tratadas quase que exclusivamente como reprodutoras cuja única função era cuidar dos filhos, do marido e da casa. Nesse sentido, diante de tal situação de humilhação, sofreram um sistêmico apagamento e silenciamento.

Não obstante, é necessário mencionar os significativos avanços empreendidos pela Crítica feminista ao longo dos anos; além de proporcionar a essa camada da população uma maior visibilidade à escrita de autoria feminina, as mulheres também deixaram o posto de meras personagens da literatura masculina para se tornar um sujeito partícipe na crítica e produção literária. Cabe ainda mencionar o caminho mais árduo a ser percorrido pelas autoras negras, que sofrem um duplo preconceito: o de gênero e o racial. Compreender esse processo auxilia na percepção do acesso a literatura feita por mulheres, como acontece com Conceição Evaristo.

Sendo assim, é possível inferir que o conto “Maria”, do livro *Olhos D’água*, da referida escritora pertence a coletânea anteriormente mencionada. No texto é narrada a história de uma mulher chamada Maria, que é habitante de uma região periférica, mais especificamente de uma favela. Além disso, ela também cria sozinha seus dois filhos e trabalha como empregada doméstica para uma rica família. Um dia, ao sair do trabalho, entra em um ônibus que é assaltado, coincidentemente, por seu ex-companheiro, pai de seu filho mais velho. Quando os demais passageiros se dão conta de que Maria não apenas conhecia o assaltante, como também não fora assaltada, revoltam-se contra ela e atacam-na, primeiro

verbalmente, e depois fisicamente, culminando, assim, em sua morte.

O enredo chocante nos dirá, portanto, de uma violência estrutural que é legitimada pelo Estado, da qual as pessoas tomam parte. Maria é uma mulher que enfrenta uma sociedade cuja prática da violência de gênero vem desde a formação da nação brasileira com uma educação que se baseia em um modelo patriarcal. Neste conto, evidencia-se toda a hostilidade e discriminação que existem contra os indivíduos de classes sociais desprivilegiadas, o que resulta na agressão sofrida pela protagonista. Semelhantemente, retrata a repulsa e a exclusão que tanto são voltados ao gênero quanto à raça, como é possível ler no seguinte fragmento: “Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois.” (EVARISTO, 2015, p. 41.).

Nessa perspectiva, constrói-se, no texto evaristiano, um discurso de poder formado a partir de estereótipos criados acerca de Maria. Faz-se necessário, portanto, que a literatura negra se torne, cada vez mais, difundida, bem como objeto de estudos acadêmicos. A fim de compreendermos pormenorizadamente esse ponto, é imprescindível considerarmos o que diz Bhaba (1998) sobre os Estudos Pós-Coloniais:

Nesse sentido salutar, toda uma gama de teorias críticas contemporâneas sugere que é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento - que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento. Há mesmo uma convicção crescente de que a experiência afetiva da marginalidade social - como ela emerge em formas culturais não-canônicas - transforma nossas estratégias críticas. Ela nos força a encarar o conceito de cultura exteriormente aos *objets d'art* ou para além da canonização da 'ideia' de estética, a lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis produzidas no ato da sobrevivência social. A cultura se adianta para criar uma textualidade simbólica para dar ao cotidiano alienante uma aura de individualidade, uma promessa de prazer. (BHABHA, 1998, p. 240).

É possível observar ainda como a construção da identidade de Outro, referente a Maria, se forma pejorativamente:

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros (as). (GOMES, 2005, p. 43)

A história apresenta a violência explícita e gratuita que é sofrida pela personagem. Ela é vítima de ofensas e agressões que resultam em sua morte, apenas por conhecer um dos homens que assaltavam o ônibus no qual estava, meio de transporte que utilizava cotidianamente para ir e voltar do trabalho. O sexismo presente na sociedade brasileira, que desencadeia inúmeros tipos de violência contra a mulher e, no conto de Evaristo, acomete Maria, pode ser observado no excerto: “A primeira voz que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono levantou e se encaminhou em direção à Maria.” (EVARISTO, 2015, p. 42).

Nos interessa refletir ainda acerca das diversas formas de violência que a mulher sofre na sociedade e que Conceição Evaristo, com sensibilidade e consciência, é capaz de nos revelar em seu conto. Pensar na violência da qual Maria é vítima nos leva à reflexão sobre múltiplas causas desencadeadoras das agressões as quais a protagonista é submetida e que, ao nosso ver, podem representar os ataques sofridos por diversas mulheres. Em outras palavras, os acontecimentos narrados assemelham-se às histórias de muitas “Marias” que vivem no Brasil.

Por conseguinte, nos pareceria relevante refletir sobre algumas questões a respeito do nome escolhido por Evaristo para a sua protagonista. Sabe-se que o nome “Maria” tornou-se popular e comum devido à disseminação do Cristianismo no mundo e que geralmente é utilizado para nomear mulheres. Trata-se de uma variação do nome hebraico *Myrian* e corresponde à forma latina daquele que seria o nome da mãe de Jesus Cristo. Devido a sua

vulgarização, o supracitado nome, utilizado tanto para nomear o conto quanto a personagem principal, nos permite pensar que a escolha feita por Evaristo busca alguma indeterminação, como se esse nome se referisse a alguém comum, simples ou, devido ao seu uso recorrente, pudesse se referir a qualquer mulher, a todas as mulheres. Representando, assim, muitas vítimas, cujos corpos são atravessados por algum tipo de violência.

O texto evaristiano, apesar de ficcional, confere uma realidade, tanto na descrição da protagonista quanto na ação que se segue, capaz de levar seu leitor a compreender de forma bastante realista os acontecimentos vividos por Maria. Sua escrita densa e pungente nos permite acompanhar a realidade da situação, como lê-se em: “Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos.” (EVARISTO, 2015, p. 42).

Em meio às agressões, fica evidente a prática discriminatória dos demais passageiros do ônibus. Maria torna-se vítima apenas por ser uma mulher negra e pobre. Tal fato pode ser confirmado se pensarmos se o mesmo ocorreria com uma mulher branca e rica. Evidentemente, não; e além disso, esse questionamento pode ser facilmente respondido se considerarmos todo o contexto político e histórico brasileiro. Começemos pelo próprio conto de Evaristo:

O preço da passagem estava aumentando tanto! Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. Os dois filhos estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remédio de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. (EVARISTO, 2015, p. 39).

Assim, é possível constatar que Maria era uma mulher trabalhadora. Ao longo da história vê-se que é uma pessoa humilde cuja mão de obra é explorada por seus patrões, uma poderosa família. A fim de exemplificar isso, lemos no texto que ela levava para casa, depois de um final de semana inteiro de trabalho, os restos de um banquete oferecido por seus

empregadores. Seu pagamento pelos serviços prestados é apenas uma “gorjeta” quase insuficiente para pagar a passagem do ônibus, que esperava havia meia hora, os medicamentos para seus filhos doentes e algum alimento para os meninos. A narração evaristiana retoma tempos nos quais legalmente ocorreu o fim da escravidão no Brasil, porém muitas pessoas livres que foram escravizadas ainda trabalhavam em troca de alimentação. No texto *O trabalho doméstico no Brasil*, é possível compreender bem essa realidade:

No Brasil, o trabalho doméstico é uma das profissões mais antigas, com 467 anos de existência marcados pela violência institucional. Desse total, 343 anos foram de trabalho escravo; o fim da escravidão parcial (Lei Áurea) obrigou os/as negros/as a trabalhar por mais 48 anos a troco de comida ou por uns trocados [...] (SOUZA, 2013, p. 67).

6

Nessa perspectiva, é possível compreender que o trabalho doméstico no Brasil é fortemente marcado pela inferiorização e violência caracterizadas pelo racismo e discriminação. A forma como esse tipo de serviço é definido como de menor importância e sem valor, sendo exercido, na maioria das vezes, por mulheres tidas como inferiores por uma considerável parcela da sociedade, diz muito a respeito da real condição de algumas mulheres no Brasil. Sendo assim, essas têm, muitas vezes, seus corpos explorados e expostos a diversos tipos de violência, o que pode acarretar também em ferimentos físicos nesses mesmos corpos, como se lê em: “A palma de umas de suas mãos doía. Tinha sofrido um corte, bem no meio, enquanto cortava o pernil para a patroa. Que coisa! Faca a laser corta até a vida!” (EVARISTO, 2015, p. 40).

O conto nos diria, portanto, do preconceito existente já no local de trabalho, pois os patrões dessas mulheres, frequentemente, deixam de exercer suas responsabilidades como empregadores, pagando salários abaixo do que é devido pelos serviços executados, e, assim, derespeitando-as enquanto indivíduos. É possível ver, então, um corpo feminino que sofre violências: desde abusos no local de trabalho, até agressões físicas no transporte público.



Traça-se, assim, a condição de subalternidade a qual Maria é submetida. Nesse sentido, nos parece relevante mencionar o que diz Spivak: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67). Inclusive, Spivak afirma que cabe às mulheres intelectuais compreenderem a urgência de que indivíduos subalternizados se representem e sejam ouvidos. No que se refere a isso, Conceição Evaristo apresenta sua poderosa e consciente literatura de resistência.

Nos pareceria relevante mencionar ainda que a literatura afro-brasileira apresenta consideráveis contribuições ideológicas do movimento negro. Segundo Conceição Evaristo:

Amplia-se então um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras” (EVARISTO, 2009, p. 25).

Considerando a vivência da população negra na sociedade brasileira, Evaristo abandona a representação literária da mulher amparada “nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor.” (EVARISTO, 2005, p. 52).

Em *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, Evaristo destaca que durante muitos anos foi negado à personagem negra o papel de mãe na literatura brasileira, estabelecendo, assim, uma oposição ao modelo determinado para as mulheres brancas. A escritora questiona a ausência de representação materna para a mulher negra, indagando se isso não representaria uma tentativa de invisibilizar uma origem negra na formação da nação brasileira. Assim, contrariando essa concepção, Evaristo apresenta “Maria”, uma mulher negra que assume o papel materno que anteriormente lhe fora negado, mas não só isso: no livro, *Olhos D’água*, estão presentes mães, muitas mães, sendo Maria, como seu próprio nome sugere, mais uma delas. Assim lemos em: “Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho” (EVARISTO, 2015, p.42).

Isso posto, a análise que desenvolvemos a respeito do conto “Maria”, de Conceição Evaristo, apresenta o corpo de uma mulher marcada pelas violências praticadas por uma sociedade racista e patriarcal. A primeira delas, trata-se do fato de a protagonista trabalhar como empregada doméstica para uma família rica que não lhe dá o pagamento que deveria receber. O que a leva a desempenhar, desse modo, um trabalho análogo à escravidão, impossibilitada de exercer plenamente seus direitos. A segunda violência a destacar-se, diz respeito ao abandono que sofreu de seus companheiros, sendo assim, obrigada a tornar-se, a única responsável pelo cuidado e pela provisão de seus filhos. A terceira violência que destacamos é a que revela toda a brutalidade a qual esse corpo é submetido: Maria é julgada e condenada, sem direito a defesa, por conhecer um dos assaltantes que estavam no ônibus que ela tomava para casa. Tratada como criminosa, é insultada por palavras de cunho sexista e racista e agredida até a morte, sendo forçada, assim, a deixar seus filhos no mais completo desamparo; provocando no leitor a mesma indeterminação sentida pela protagonista por desconhecer o futuro das crianças agora órfãs: “Por que estavam fazendo aquilo com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado.” (EVARISTO, 2015, p.42).

Conceição Evaristo assume seu lugar, esse corpo, feminino e negro, ou seja, um *locus* social no qual insere sua escrevivência. Em suas próprias palavras, isso representa uma inovação literária que assume a forma de uma visão pós-colonial e que nega a dominação. Sua literatura representa um elemento de resistência cultural que age contra os discursos hegemônicos, agindo como um contra-discurso.

O conto implode com a morte de Maria em um verdadeiro oposto de apoteose. A partir dessas reflexões, é imprescindível reconhecer e salientar que a violência de gênero e o racismo não se dão apenas na ficção, mas são uma realidade, o que revela o quanto a sociedade brasileira ainda é retrógrada e capaz de vitimar pessoas inocentes. Diante do

exposto, resta uma esperança em Conceição Evaristo: uma esperança em escrever. E escrever é, sem dúvida, “uma forma de sangrar”, mas também de trazer à tona, de visibilizar, de evocar as vidas “costuradas com fios de ferro” - porém aqui conservadas com os fios da ficção evaristiana, nos quais também se aspira, se deseja, incessantemente, não a imortalidade, mas o perseverante triunfo sobre a morte.

## REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

EVARISTO, Conceição. Maria. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015. \_\_\_\_\_.

Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2o sem. 2009. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>> Acesso em: 29 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira.

Revista Palmares: cultura afro-brasileira, 2005, p. 52-57. Disponível em:

<<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2download/52%20a%2057.pdf>> Acesso em: 29 abr. 2017.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto/2009, p. 621-623.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/19.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

RITT, Caroline Fockink; CAGLIARI, Cláudia Taís Siqueira; COSTA, Marli Marlene da.

*Violência cometida contra a mulher compreendida como violência de gênero.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s.d. Disponível em: . Acesso em: 19 maio 2016.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo?* São Paulo: Brasiliense, 1984.

SOUZA, Claudenir de. *Mulheres negras contam sua história.* Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. Disponível em: . Acesso em: 30 maio 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitos Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.